

PMS / FMLF BIBLIOTECA	
Jornal: <i>A Tarde</i>	
Data: <i>7/12/2010</i>	
Caderno: <i>SSA</i>	Página: <i>A5</i>
Seção:	
Assunto:	
<i>Centro Histórico Pelourinho</i>	

Fotos Marco Aurélio Martins / Ag. A TARDE



PRECONCEITO Delegacia do Pelourinho e entorno não tem registro de homicídios e ocorrências graves, mas tráfico e pedintes reforçam marca de local violento

Ideia de insegurança é estigma histórico

Série 2/7

A COMPLEXIDADE DOS PROBLEMAS QUE MARCAM O CENTRO ANTIGO DE SALVADOR, UMA ÁREA DE IMPORTÂNCIA HISTÓRICA, CULTURAL E ECONÔMICA SIGNIFICATIVA PARA A CIDADE, É TEMA DESTA SÉRIE DE REPORTAGENS

AMÉLIA VIEIRA

Não há registro de homicídios no Pelourinho nos últimos anos, assim como ocorrências de roubos (com uso de violência) em boletins da delegacia responsável pela área. Mas, então, por que os baianos consideram o Centro Histórico um lugar perigoso e temem circular por lá?

estereotipada e preconceituosa", justifica Leal. O estigma perdura até hoje.

Mas fenômenos contemporâneos reforçam a sensação de insegurança. O principal deles é a circulação dos chamados sacizeiros (usuários de crack). Eles perambulam pelas ladeiras e ruas estreitas, atraídos pelos turistas que visitam a área, na esperança de conseguir algum tro-

O furto caracterizado como "inapropriado" (criminoso pega objeto e corre) é o mais comum

ocorrências do entorno do Centro Histórico, como parte da Baixa dos Sapateiros, independentemente do envolvimento de turistas.

Entre as ações mais recentes das polícias Civil e Militar, ela elenca o controle do tráfico e do uso de drogas na Rua do Gravatá ("cracolândia"), bem como a dissolução do comércio ilícito de entorpecentes na Rocinha – a comuni-

o ladrão pega objeto de valor e corre.

O coronel José Jorge Nascimento, do 18º Batalhão de Polícia Militar (Pelourinho), salienta que o policiamento ostensivo do Centro Histórico acontece "24 horas". Ele, contudo, elenca dificuldades.

"O tráfico aqui é de formiguinha", diz. Ou seja, os traficantes ficam com pequenas quantidades de drogas e

de Requalificação Participativo do Centro Antigo de Salvador, coordenado pelo Escritório de Referência do Centro Antigo, unidade gerencial vinculada à Secretaria da Cultura do Estado da Bahia, o capítulo dedicado à Segurança Pública aponta alguns problemas relacionados.

Entre fatores que influenciam a insegurança estão: assédio dos ambulantes pedin-

tórico um lugar perigoso e temem circular por lá?

O subprefeito do Centro Histórico, o administrador José Augusto Leal, tem uma resposta histórica e sociológica. Remete à década de 1930, quando o intendente de então determinou que todos os prostíbulos da cidade fossem transferidos para a região do Maciel. "Isso criou uma visão

treitas, atraídos pelos turistas que visitam a área, na esperança de conseguir algum trocado para comprar droga. O assédio assusta e incomoda visitantes e baianos.

Marita Souza, titular da Delegacia do Turista (Deltur), reitera que crimes como homicídios, sequestros e roubos são incomuns na circunscrição, à qual compete todas as

Objeto e corref e o mais comum no Centro Histórico

bem como a dissolução do comércio ilícito de entorpecentes na Rocinha – a comunidade foi extinta e uma vila está sendo erguida no lugar.

"O problema social, como a desestrutura das famílias, reflete-se aqui", aponta Marita, há sete anos como titular da Deltur. Segundo a delegada, o delito mais comum na área é o furto inapropriado, no qual

guinha", diz. Ou seja, os traficantes ficam com pequenas quantidades de drogas e, quando pegos, alegam ser usuários. São conduzidos à delegacia, é lavrado um termo circunstanciado e eles são liberados em seguida.

Insegurança

A sensação de insegurança tem outros fatores. No Plano

ciam a insegurança estão: assédio dos ambulantes, pedintes e "flanelinhas"; crianças e adolescentes em situação de rua; iluminação pública deficiente; prostituição; estacionamento irregular; uso e ocupação desordenada do solo; imóveis abandonados; coleta e reciclagem de lixo; consumo e tráfico de drogas.

IMPRESSIONES

MARIANA PAIVA

Terreiro de Jesus. Numa imponente vitrine, cintilam joias e pedras preciosas. Ao lado – separada por mais uma das ruazinhas estreitas do Pelourinho –, uma loja exhibe coloridas cangas por apenas R\$ 19,90 cada. Na calçada, enquanto passamos pelas lojas de artesanato, o cheiro do couro selvagem das sandálias é forte no ar. Na Rua do Bispo, um rapaz fuma, sentado no meio-fio. De olho no trabalho de Marco Aurélio Martins, repórter fotográfico de A TARDE, ele avisa: "Nem tire foto minha para não me complicar". As lentes da câmera, entretanto, estão voltadas para um casarão abandonado na esquina da rua. As janelas estão sem vidro, e, do lado de dentro, só se consegue avistar escombros. No lugar onde outrora foi a entrada da casa, um quadro onde se lê: "Confia em Deus". Pendurado perto, um saco plástico repleto de latinhas vazias de cerveja.

Um homem aparece carregando uma mala. Reclama com dois policiais: "Aqui, vagabundo rouba e fica por isso mesmo".

Juscelino Carvalho, representante comercial, acaba de ser assaltado. Os bolsos da camisa, de onde o ladrão tirou R\$ 60, estão rasgados. No colarinho, pingos de sangue, resultado da luta para evitar o roubo.



Gente sem abrigo é rotina



Depredação piora imagem



Juscelino Carvalho: vítima



Centro Antigo não tem ocorrências policiais graves, mas os sinais da pobreza criaram estigma histórico para a área

Vencer o crack é desafio de ONGs

Ao completar 20 anos cuidando de crianças e adolescentes em situação de rua, utilizando a arte-educação, o Projeto Axé enfrenta um desafio:

perceberam que 100% dos garotos da região do Comércio, Piedade e Pelourinho eram usuários de crack.

A droga, de efeito avassa-

Jeová. Foi o encontro com eles que mudou o destino de C. T., 32 anos. Hippie, ele costumava viajar o Brasil vendendo artesanato. Sempre que esta-

puã ou no Centro Histórico.

C. T. conta que começou a usar drogas aos 15 anos, em busca de respostas sobre o sentido da vida. Aos 17 anos,



Centro Antigo não tem ocorrências policiais graves, mas os sinais da pobreza criaram estigma histórico para a área

Vencer o crack é desafio de ONGs

Ao completar 20 anos cuidando de crianças e adolescentes em situação de rua, utilizando a arte-educação, o Projeto Axé enfrenta um desafio: aplicar a metodologia aos assistidos dependentes de crack. Os jovens participam de oficinas de dança, música e artes visuais no turno oposto ao da escola. “O tempo de aprender é do menino. Trabalhamos a liberdade. Ele vem quando quer e se quiser”, explica Marle Macedo, socióloga e coordenadora de arte-educação do Axé.

Ela relata que, em 2007, os educadores levaram uma questão para debater. Eles

perceberam que 100% dos garotos da região do Comércio, Piedade e Pelourinho eram usuários de crack.

A droga, de efeito avassalador, influencia, inclusive, o processo de trabalho, tornando-se um complicador. De acordo com Marle, os jovens que usam crack têm dificuldade de atenção e concentração, devido à obsessão de consumir mais droga.

Recuperação

Além de organizações não-governamentais, voluntários religiosos também atuam no Centro Histórico. É o caso das testemunhas-de-

Jeová. Foi o encontro com eles que mudou o destino de C. T., 32 anos. Hippie, ele costumava viajar o Brasil vendendo artesanato. Sempre que estava em Salvador, ficava em Itapuã ou no Centro Histórico.

C. T. conta que começou a usar drogas aos 15 anos, em busca de respostas sobre o sentido da vida. Aos 17 anos, saiu de casa. Usava outras drogas, mas o crack considera o pior vício.

“Ia para a fronteira da Bolívia, onde é mais barato. Quando sentia que a fissura estava demais, ia para lugares onde é mais difícil encontrar”, conta. A mudança veio ao encontrar a religião. “Foi como uma luz, larguei as drogas no outro dia”, diz.

Religiosos e ONGs atuam no apoio à recuperação de usuários de drogas

puã ou no Centro Histórico.

C. T. conta que começou a usar drogas aos 15 anos, em busca de respostas sobre o sentido da vida. Aos 17 anos, saiu de casa. Usava outras drogas, mas o crack considera o pior vício.

“Ia para a fronteira da Bolívia, onde é mais barato. Quando sentia que a fissura estava demais, ia para lugares onde é mais difícil encontrar”, conta. A mudança veio ao encontrar a religião. “Foi como uma luz, larguei as drogas no outro dia”, diz.

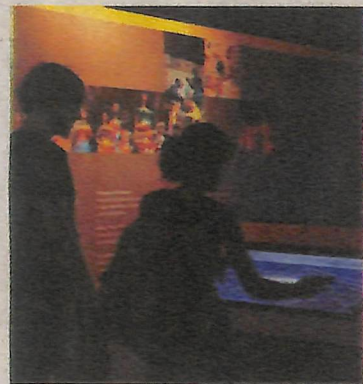
LEIA AMANHÃ SOBRE HABITAÇÃO NO CENTRO ANTIGO



Depredação piora imagem



Juscélino Carvalho: vítima



EXPOSIÇÃO INTERATIVA SOBRE O LOCAL

Centro Antigo de Salvador: A História da Bahia Vive Aqui é a exposição interativa que pode ser visitada até o final de março no Palácio Rio Branco

Na Rua do Dispo, um rapaz fuma, sentado no meio-fio. De olho no trabalho de Marco Aurélio Martins, repórter fotográfico de A TARDE, ele avisa: “Nem tire foto minha para não me complicar”. As lentes da câmera, entretanto, estão voltadas para um casarão abandonado na esquina da rua. As janelas estão sem vidro, e, do lado de dentro, só se consegue avistar escombros. No lugar onde outrora foi a entrada da casa, um quadro onde se lê: “Confia em Deus”.

Pendurado perto, um saco plástico repleto de latinhas vazias de cerveja. Um homem aparece carregando uma mala. Reclama com dois policiais: “Aqui, vagabundo rouba e fica por isso mesmo”.

Juscélino Carvalho, representante comercial, acaba de ser assaltado. Os bolsos da camisa, de onde o ladrão tirou R\$ 60, estão rasgados. No colarinho, pingos de sangue, resultado da luta para evitar o roubo. “Esse é o Pelourinho!”, brada.

Pouco adiante, gargalhadas. Na porta da loja onde trabalha, a moça segura um balão vermelho em forma de coração. Do outro lado da rua, um rapaz ri solto. Ela explica: “Pedi para ele comprar bolas para a árvore de Natal da loja e ele me aparece com isso aqui, acredita? Comprou tudo errado! Agora é isso, vamos ficar com os corações”, diz.